

LIVRO 4

*Na batalha final...
uns estão dispostos
a matá-la. Outros,
a morrer por ela.*

SYLVIA DAY

MARCA DE

GUERRA



FARO
EDITORIAL





SYLVIA DAY

MARCA DE

GUERRA

Tradução
CARLOS SZLAK

 FARO
EDITORIAL

COPYRIGHT © 2010, BY SYLVIA DAY
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2017

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**
Preparação **TUCA FARIA**
Revisão **GABRIELA DE AVILA**
Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**
Imagem de capa © **FXQUADRO | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Day, Sylvia

Marca de guerra/ Sylvia Day ; tradução Carlos Szlak.
— Barueri, SP : Faro Editorial, 2016. — (Série marked)

Título original: Eve of warfare
ISBN 978-85-62409-95-0

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

17-03086

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



1ª edição brasileira: 2017
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702
Alphaville – Barueri – SP – Brasil
CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699
www.faroeditorial.com.br



“Com guerra e exílio os castigaste.”

– Isaías 27:8



— O SENHOR QUER QUE EU TRABALHE COMO BABÁ de um *cupido*? — Evangeline Hollis tamborilava os dedos nos braços da cadeira. — Não pode estar falando sério.

— Não foi o que eu disse, senhorita Hollis. — A resposta de Raguel Gadara continha a ressonância única e irresistível dos arcanjos.

Em seu amplo escritório, ele estava sentado atrás de sua mesa de mogno com entalhes elaborados. Sua postura era relaxada, mas não enganou Eva nem por um segundo. Gadara a observava como um falcão, mesmo com as pálpebras baixadas.

Diante de Gadara, em uma das duas cadeiras de couro marrom, Eva arqueou as sobrancelhas denotando surpresa. O fogo eterno crepitando na lareira à sua esquerda e um quadro da Última Ceia acima do consolo da lareira eram lembranças

tangíveis de que sua antiga visão agnóstica do mundo ficara definitivamente para trás.

Às suas costas, o mundo secular expunha-se, magnífico, através da fileira de janelas com vista para a Harbor Boulevard. A Torre de Gadara se situava alguns quarteirões ao sul da Disneylândia e do Califórnia Adventure, próxima do limite do zoneamento urbano que assegurava que nenhum arranha-céu fosse visível de dentro dos parques de diversão.

— Eu não disse *cupido*, mas *querubim*. — Quando Raguel se reclinou no assento, o diamante preso em sua orelha direita refletiu a luz. — Recebemos um relatório de atividade suspeita em San Diego. Zafiel foi enviado para averiguar a situação e precisa de escolta.

Eva entrou em estado de atenção. O trabalho de Raguel na Terra era cuidar da infestação de Demoníacos na América do Norte. Por que um querubim intercederia? E por que Raguel não sentia uma perturbação maior por causa disso? Todos os arcanjos eram bastante ambiciosos. Não fazia sentido que ele concedesse poder a quem quer que fosse, mesmo a um anjo de nível hierárquico superior.

— Acho que o fato de eu escoltá-lo, em vez de o senhor lhe dar um contingente completo de seus guardas pessoais, transmite uma mensagem de que está irritado. Porém, quanto ao impacto, é mais um miado do que um rugido.

— Não estou transmitindo nenhuma mensagem — Raguel afirmou, procurando parecer inocente, o que era impossível.

— Certo — Eva disse.

A diplomacia e a capacidade de representar eram utilizadas tão frequentemente no subterrâneo celestial quanto no mundo secular. O querubim integrava o topo da hierarquia angelical, compartilhando a primeira esfera com o serafim e o trono. Expor um Celestial de nível tão alto ao mau carma de um demônio era absurdo — portanto, teria de haver um motivo realmente inteligente por trás disso tudo.

— Eu determinei que fosse você. — A voz masculina tonitruante soou perigosamente suave.

Evangeline virou a cabeça. Sabia muito bem que a figurinha infantil que tinha em mente não podia corresponder àquela entonação madura, mas ainda assim era incapaz de se livrar da imagem de um bebê rechonchudo com asas minúsculas e uma grande fralda.

Ao vislumbrá-lo, porém, Eva piscou. *Putá merda!*

O querubim era imponente. Musculoso e belíssimo, com olhos do mesmo tom azulado do centro de uma chama e cabelos dourados que ultrapassavam os ombros. Realmente, ele era um deslumbre!

Havia apenas um motivo pelo qual anjos e demônios se empenhavam para chegar a ela: irritar Caim e Abel, os dois homens de sua atrapalhada vida amorosa. Na atualidade, eles eram conhecidos pelos nomes de Alec Caim e Reed Abel, mas, apesar disso, continuavam sendo os irmãos infames da lenda bíblica.

— Não é uma boa ideia — Eva garantiu, olhando para Gadara.

O arcanjo sorriu. O brilho dos dentes cor de pérola, em contraste com a pele escura, revelou a Eva que Gadara tinha segundas intenções em relação ao acordo.

— Confio plenamente em você — ele sussurrou.

Caramba. Não muito tempo atrás, em sua vida de outrora, trabalhar para as Empresas Gadara teria sido o emprego dos sonhos de Eva. Raguél Gadara era um magnata do setor imobiliário, rivalizando com Donald Trump e Steve Wynn, cujos empreendimentos demandavam uma *designer* de interiores da qualidade de Eva. Na realidade, porém, o sonho se transformou em pesadelo. Seus anos de estudo e experiência em *design* de interiores foram relegados à atividade paralela de seu trabalho “real”: caçadora de demônios.

— Está na hora de irmos, Evangeline. — Zafiel indicou com altivez a direção do elevador privativo que os levaria ao saguão do edifício.

O uso deliberado de seu nome inteiro reforçou a suspeita de que ela estava, de novo, sendo usada como peão num jogo maior — que Eva não se sentia nem um pouco confortável. E isso era algo que o querubim logo descobriria.

Eva ficou de pé. Em sua antiga vida, estaria ostentando sapatos de salto alto Jimmy Choo e uma saia reta justa. Como Marcada — uma entre os milhares de pecadoras amaldiçoadas com a Marca de Caim —, ela agora usava botas reforçadas e jeans rasgado. Seus cabelos pretos abundantes e lisos, que herdara da mãe japonesa, estavam penteados para trás num rabo de cavalo. Era preciso que ela permanecesse com o traje de

trabalho o tempo todo, pois os Marcados nunca sabiam quando seriam convocados para caçar um demônio velhaco.

Eva se aproximou de Zafiel, esperando que o querubim os teletransportasse, mas ele apenas sorriu com presunção.

— Você vai me conduzir — Zafiel disse.

— Tudo bem... — Eva se dirigiu ao elevador e pressionou o botão de chamada.

Em questão de minutos, Eva e Zafiel se acomodavam no Chrysler 300 vermelho dela. Eva olhou de relance para ele em busca de instruções. O querubim disse-lhe que pegasse o rumo de Anaheim Hills e, enquanto falava, um par de óculos escuros surgiu em seu rosto. Eva perguntou-se se Zafiel a estaria provocando, fazendo-a dirigir até seu destino.

O carro deixou para trás as sombras do estacionamento subterrâneo, iluminado pelo sol brilhante do sul da Califórnia. Então, ela apanhou seus óculos escuros Oakley no console central e os colocou.

— Por que você não está com Caim? — Zafiel quis saber.

— Ele está ocupado e eu estou trabalhando como sua babá. Zafiel deu um sorriso de lábios contraídos.

— Não me refiro a este exato momento. Você é apaixonada por ele, mas está evitando se envolver romanticamente.

Eva não se esforçou em negar seus sentimentos. Teria sido inútil, considerando o quão fundamental era seu relacionamento prévio com Alec para a situação existente do sistema de Marcados.

— É muito complicado e não é da sua conta.

Caim era o Mercado original e o mais poderoso de todos. Ele agia fora da hierarquia do sistema de Marcados como caçador autônomo e recebia ordens diretas do Todo-Poderoso. Era figura polarizadora e reverenciada pelos outros Marcados; um ideal sublime e invencível, que cada um dos arcanjos ansiava por explorar para seu próprio avanço. A ligação de Eva com as Empresas Gadara trouxe Caim como bônus e ele deu ao arcanjo uma grande vantagem em relação aos demais líderes das empresas.

— Posso favorecer sua causa — o querubim comentou. — A promoção de Caim a arcanjo era para ser apenas temporária.

— Não se atreva a tirar essa promoção dele e não ponha a culpa em mim. — Eva agarrou com mais força o volante. — Alec está exatamente onde quer estar.

— Sem você? Os arcanjos estão impedidos de sentir amor romântico.

— Tenho certeza de que há um motivo para isso. — Eva fez um esforço concentrado para relaxar.

Zafiel a estava provocando, pois sabia muito bem que ela terminara o caso com Alec porque ele não era mais capaz de amá-la como antes. Alec admirava Eva, desejava-a com ardor e se determinara a permanecer fiel a ela, mas o amor por ela, que não conseguia corresponder, pesava muito para ambos.

— A taxa de mortalidade de quem caça demônios é bem alta. Não reparou?

— Esse não é o motivo pelo qual você resiste à atração, Evangeline. Talvez a afeição de Abel seja suficiente para consolá-la.

Eva pisou no freio. O motorista do carro que vinha atrás meteu a mão na buzina e desviou do Chrysler 300 cantando os pneus.

— *Não deixe que ele te perturbe* — Reed Abel advertiu, com sua mensagem transmitida telepaticamente pela conexão existente entre os mal'akhs, anjos comuns que distribuía suas missões de caça de demônios, e os Marcados.

Como o sistema judicial norte-americano, existiam os fiadores (arcanjos), os despachantes (mal'akhs, como Reed) e os caçadores de recompensas (Marcados e Marcadas, como Eva). Geralmente, esse era um sistema bem azeitado. O azar de Eva foi que suas confusões românticas com Caim e Abel a tornaram uma engrenagem engripada, o que prejudicava o bom funcionamento do sistema.

— *É fácil falar...* — Eva respondeu.

— *Zafiel sempre foi um babaca.* — Apesar do assunto, a voz aveludada de Reed era uma delícia de se ouvir.

O relacionamento de Eva com o irmão de Alec Caim — que não era exatamente um relacionamento — era uma das inúmeras complexidades de sua vida. Alec surgiu em sua vida montado numa Harley Davidson quando ela estava com quase dezoito anos. Quando ele a deixou, havia tirado sua virgindade e partido seu coração. Dez anos depois, Eva ainda comparava os outros homens com ele. Foi quando Reed entrou em sua vida

e a destacou com a Marca de Caim — e assim teve início um triângulo amoroso que Eva achara outrora que seria impossível para ela. Como podia sentir algo tão intenso por Reed quando tinha certeza absoluta de que Alec era o amor da sua vida?

— Prefiro que você não se machuque sem necessidade — Zafiel afirmou, tranquilo.

Movendo-se em seu assento para encará-lo, Eva respondeu com igual tranquilidade:

— Qual é o seu problema?

— Não tenho nenhum problema.

— Sou uma unidade isolada. Entendeu? Não que você precise saber, mas perguntar de Caim e Abel é inútil. Eles têm vidas pessoais...

— E você não tem nenhuma.

— Vamos parar de falar sobre isso. Agora! — Eva exclamou.

Alec era seu mentor, seu amigo, e uma das poucas pessoas em sua existência de Marcada em quem Eva confiava e que desejava o melhor para ela. Ele era parte diária e integral de sua vida. Os dois compartilhavam o mesmo tipo de conexão mental que ela desfrutava com Reed. Por meio dessa ligação, Eva sentia a barreira no interior de Alec, que bloqueava o amor dele por ela. Esse era o pior tipo de tortura: estarem ligados, mas mais afastados do que nunca.

— Não direi mais nada. — Sorrindo, Zafiel olhou para a frente e, com um gesto de mão imperioso, ordenou que ela seguisse avante.

Espumando de raiva, Eva conduziu o carro por mais quinze minutos, até começar a subir uma colina. Então, o tamanho e a elegância das mansões existentes no aclave chamaram sua atenção. O espaço entre as casas foi ficando maior e, no último quilômetro e meio, as construções simplesmente desapareceram.

Enfim, alcançaram um portão que bloqueava o acesso público ao local. Havia uma guarita à direita, da qual saiu um homem musculoso trajando um agasalho esportivo. Zafiel baixou a janela e seus óculos escuros desapareceram, revelando seu rosto. O vigia o identificou, denotando certa perturbação. Ele retrocedeu e acionou o controle remoto que abriu os dois pesados portões de ferro.

Daquele ponto, a distância até a casa principal era de quase um quilômetro. Em intervalos de cerca de seis metros, viam-se câmeras de segurança posicionadas de forma destacada ao longo do caminho.

Quando a construção surgiu, Eva ficou tão empolgada com a beleza simples de sua arquitetura orgânica que tirou o pé do acelerador e o veículo desacelerou, deslocando-se até parar atrás de um Bentley prateado. A casa escalava a encosta da colina em três pavimentos, que ostentavam varandas amplas em todas as faces. Revestimentos com aspecto de gasto, terraços de pedra e traves de madeira expostas permitiam que a residência combinasse com seus arredores.

Zafiel saiu do carro. Eva desligou o motor e também desembarcou, vislumbrando o olhar interrogativo dele.

— Vou entrar com você — ela afirmou, sentindo sua sensibilidade em relação ao *design* de interiores se mobilizar intensamente pelo equilíbrio entre a construção e seus arredores.

Eva ansiou por examinar o interior. E, ainda mais do que isso, Zafiel a arrastara até ali. Talvez o fato de tê-la feito bancar a motorista, além de irritá-la durante todo o percurso, tivesse sido a única razão para aquilo — ela não se surpreenderia com nenhuma gracinha por parte de um anjo. De todo modo, com certeza não sairia de mãos abanando diante daquela maravilha arquitetônica.

— Como queira. — Zafiel seguiu o olhar de Eva na direção dos dois guardas que ladeavam a porta dupla principal.

Contornando a frente do veículo, ela se pôs ao lado do querubim e, juntos, dirigiram-se para a entrada.

A porta se abriu antes de eles a alcançarem, revelando um homem que fez Eva estacar de imediato. A combinação de cabelos escuros, pele da cor de caramelo e olhos azulados de um anjo do escalão superior produzia um homem belíssimo. Ele estava descalço, com as longas pernas acomodadas num jeans desbotado folgado e com o tronco coberto por uma camisa social branca para fora da calça, com as mangas arregaçadas e o colarinho aberto. A elegância casual do traje só acentuava sua sexualidade desenfreada. Também revelava que ele não sentia nenhuma ameaça de seus visitantes, apesar da tensão tangível que se irradiava naquele momento do físico poderoso de Zafiel.

A crescente curiosidade de Eva a fez inclinar a cabeça para o lado.

— Adrian — Zafiel falou primeiro, com contundência.

— Sua interferência é desnecessária.

— Como você acabou de perder seu tenente, permito-me discordar.

O assombro tomou conta de Adrian, mas passou tão rápido que Eva se perguntou se teria imaginado aquilo.

Ela reavaliou Adrian, procurando perscrutá-lo além do exterior elegante. Assim como em Alec, havia algo perigoso nele, uma agudeza na maneira como encarava as pessoas que o traíram enquanto caçadores. No entanto, sob outro aspecto, Adrian não era como Alec. Caim atacava como uma víbora, envenenando e desaparecendo antes de alguém tomar conhecimento, deixando pouca evidência para trás. Adrian irradiava uma atmosfera distinta: uma expectativa carregada, como a calma antes da tempestade. Eva desconfiou de que houvesse uma sequência, em que ele empregava a violência, reduzindo a cinzas a paisagem, para não deixar dúvidas a respeito de sua presença.

Com um movimento de braço teatral e altivo, Adrian os convidou a entrar em sua casa. Zafiel atravessou a porta como se fosse o dono. Eva se deteve diante de seu anfitrião, assumindo uma postura relaxada. A bravata fez muito em atrapa-lhar o jogo entre Demoníacos e Celestiais. Tirando os óculos escuros, Eva estendeu a mão e se apresentou. Antes de aceitar o cumprimento, Adrian esboçou um sorriso tão efêmero que

quase passou despercebido, e apertou a mão dela com mais força do que o desejado.

— Adrian Mitchell — disse, por fim.

Eva sentiu uma sobrecarga de energia na palma da mão. Considerando a deferência relutante de Adrian à arrogância de Zafiel, ela supôs que ele fosse um serafim. E perguntou-se o motivo para um serafim estar vivendo entre mortais. Os serafins eram os anjos responsáveis por enviar ordens de morte aos arcanjos. Por meio dos serafins, as empresas tomavam conhecimento dos demônios a serem caçados. O trabalho não exigia que eles ficassem baseados na Terra. De fato, os serafins apareciam tão raramente nas empresas que a visita de um deles costumava prenunciar uma avalanche de problemas.

Adrian suavizou a expressão.

— Perder uma pessoa quando ela ainda está com você é duro, eu sei.

Eva levou um instante para se dar conta de que Adrian lera a sua mente. Ela recolheu a mão.

— Odeio quando vocês fazem isso.

— Imagino. — Ele deu a impressão de ter achado o comentário bastante divertido.

Isso o elevou a um nível novo de atratividade. Mesmo Eva, por mais louca de amor que estivesse, foi capaz de reconhecer.

Penetrando no interior do recinto, Eva notou que o amplo vestíbulo dava numa sala de estar, com acesso por meio de três degraus largos, mas baixos. O grande espaço que se estendia a

partir daquela escadaria era mobiliado com sofás de couro bordô e peças com detalhes de madeira entalhada. A lareira revestida com seixos era grande o suficiente para abrigar um Fusca, mas não conseguia competir com a fileira de janelas e sua vista espetacular.

Quando Adrian fez menção de se sentar, Zafiel disse:

— Não pretendo demorar. Se devo falar a respeito de suas falhas, quero começar imediatamente.

Eva parou de se mover, esperando passar despercebida. Conhecimento era poder e o conhecimento direto a partir de anjos do escalão superior era quase impossível para os Marcados obterem.

Adrian cruzou os braços.

— Sério? E com o que você começaria?

— Com a caçada ao vampiro que matou seu tenente.

Eva arqueou uma sobrancelha. Pelo que ela sabia, aqueles seres eram uma das diversas denominações dos Demoníacos caçados pelos Marcados. Gadara e a empresa deveriam estar lidando com quaisquer problemas daquela área. O fato de um querubim e um serafim estarem examinando a situação a irritou muito. Quanto mais gente metida naquilo, maior a confusão.

— Achei uma maneira de lidar com a situação — Adrian afirmou, friamente.

— Não achou, não. — Zafiel examinou as unhas. — E não me agrada nada saber que vidas foram perdidas devido à sua negligência.

— Você acha que estou feliz com isso?

— Não me importo com os seus sentimentos. Estou aqui para lhe dizer que deve ficar fora do meu caminho. O resto não é mais assunto seu.

Adrian sorriu amarelo.

— De quem será o assunto, se não for meu?

Zafiel ergueu o dedo e apontou para Eva.

— Dela.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
SERRMOGRAF EM ABRIL DE 2017